

A importância da produção acadêmica

The importance of academic production

Leonardo Pinto de Almeida

“Opiniões se propagam dividindo; pensamentos, brotando”.
(KRAUS, 1998, p. 103)

A cada número publicado, sou tomado pela alegria do dever cumprido. Este trabalho não seria de modo algum realizado sem a minha ótima equipe que sustenta tal empreitada.

Esta fina ligação entre a equipe e o trabalho acadêmico é um motivo de realização pessoal incomensurável, pois ajudo aos meus alunos a compreenderem a importância deste trabalho para a vida intelectual.

Este aprendizado foi adquirido por mim na graduação, com os professores da UFRJ, e principalmente, com a professora Vera Lúcia Lopes Besset que me ensinou que o pensamento não publicado é pensamento natimorto. Óbvio que o aprendizado é contínuo e, conseqüentemente, o mestrado e o doutorado foram de grande apreço para a sua conquista.

No mestrado, o professor André do Eirado Silva apresentou outra mostra de como o pensamento é importante para a vida intelectual. No entanto, aprendi com ele que a questão e a escrita são de grande valia para a busca do conhecimento e para sua publicização.

O outro grande momento de minha vida intelectual foi o doutorado com o professor Carlos Augusto Peixoto Júnior. Suas leituras mostraram a mim que a leitura é uma espécie de gemologia. É justamente a leitura do outro que dá vida, ou ainda mais, proporciona a adequação lapidar do pensamento ao nosso sempre limitado vocabulário.

Todos eles, e outros colegas que são aqui esquecidos pela brevidade e pela pressa na apresentação deste número, reforçaram a ideia clara para mim hoje em dia de que a escrita, a leitura e a publicização do pensamento são ferramentas eficazes na busca e na propagação do conhecimento.

Atualmente, tomo sempre como pressuposto que o pensamento é movimento. No entanto, os modos de captura intrínsecos à própria linguagem e à ordem que a sustém proporcionam diversos congelamentos, paradas em tal movimento.

Normalmente, observamos os modos de captura como impulsionadores das forças negativas que impedem o pensamento circular. No entanto, como as relações duais são meras ilusões, a linguagem com sua característica movediça, tal como a existência, desliza, sabota e proporciona sua continuidade produtiva.

A ideia de que o pensamento deva ser propagado, proliferado, como um vírus, me atravessa como uma obsessão. Não é à toa que a escrita e a leitura são meus dois objetos principais de estudo e, meu tema geral, as vicissitudes da linguagem.

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor e Pós-doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

leonardo_almeida@id.uff.br

Escrevemos um artigo. Depois da parada produzida com o texto tecido, necessitamos de um estilingue – uma arma aparentemente insignificante que pode produzir grandes feitos – para que o pensamento retorne ao seu movimento através da leitura dos outros. Este estilingue é a publicação.

Assim, entendo a publicação, como força propulsora de ideias. Um editor só pode ter uma visão apaixonada de tal calibre. Ser editor requer paciência e perseverança. O trabalho é árduo, mas gratificante, tanto pelos resultados, quanto pelas amizades nutridas através da linguagem.

O conjunto de artigos de um número é como uma coleção de cartas escritas a um público que só passa a existir por causa da força do estilingue.

Sempre gostei do exercício intelectual do parecer técnico de um artigo. O prazer de dividir sua leitura com o autor do texto é gratificante para ambos os elementos deste jogo da linguagem.

Entendo o parecer técnico como uma das atividades mais nobres, exercidas no meio acadêmico, nem sempre aceita pelos colegas. Esta é uma questão para o editor de uma revista: Por que o parecer técnico não é vivenciado pelos pares como tendo o seu real quilate? A troca proporcionada pelo parecer impulsiona o pensamento. Como ser um intelectual e não gostar de ser o elástico do estilingue que faz as palavras voarem em direção ao seu alvo: a proliferação do pensamento?

O editor como não lhe cabe à tarefa do parecer. Só lhe resta a de facilitador de tal tarefa, além de outras obviamente. Fico entusiasmado toda vez que vejo um bonito parecer que analisa o texto numa mescla de critério, seriedade e generosidade. O parecer requer a generosidade do pensamento para torná-lo digno de seu movimento novamente.

Assim, antes de apresentar esse número que muito me alegrou por organizá-lo, gostaria de fazer este agradecimento especial a todos os pareceristas que ajudaram a esticar o estilingue em sua posição de combate.

Uma revista acadêmica é uma homenagem à produção intelectual. Ela assinala a importância de tal produção para universidade. Nossa função é a de associar a produção de conhecimento com sua indubitável necessidade de circulação.

Então, começemos a apresentar os textos publicados neste artigo. Eles são dezessete textos, sendo divididos em quatro sessões. A primeira sessão continua a comemoração do jubileu de ouro do Campus, celebrada em nosso primeiro número do ano, sob o título de *O Social e a Psicologia II*. Nela, estão contidos dez artigos que analisam as relações entre o saber psicológico e o social. A segunda sessão contém cinco artigos relativos ao fluxo contínuo que apresentam reflexões sobre temáticas diversas. A terceira sessão tem apenas um texto que se caracteriza como um relato de pesquisa. Na última sessão, se encontra uma resenha.

Depois deste rápido mapeamento do número, vamos aos textos propriamente ditos. O Dossiê *O Social e a Psicologia II* tem dez artigos como já assinalado.

Abrindo o número está o excelente artigo de Fernando Luis Gonzalez Rey. É com imensa alegria que recebemos o artigo do referido pesquisador, por seu percurso intelectual ser admirável. Seus estudos sobre a subjetividade apontam para o cerne deste dossiê. Neste texto, o autor levanta a questão crucial da relação entre o social e a psicologia. Atravessando este problema, baseando-se em uma perspectiva cultural-histórica, Gonzalez Rey apresenta a importância dos conceitos de sujeito e subjetividade para problematizarmos os reducionismos que comumente nutrem as relações analíticas tecidas entre o social e a psicologia.

No texto *O desenvolvimento da afetividade no cenário social familiar*, a professora Vannúzia Leal Andrade Peres da Pontifícia Universidade Católica

de Goiás traça uma reflexão sobre o desenvolvimento da afetividade no cenário social familiar. A autora analisa conceitos teóricos ligados a esta problemática sob a luz da Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey.

Em *Las diversas caras del poder: poder para el desarrollo humano*, a professora Alba Ximena Zambrano Constanzo da Universidad de La Frontera (Chile) faz uma pertinente revisão das relações entre o poder e os processos de desenvolvimento humano, passando por uma reflexão sobre a potencialização da ação comunitária.

No artigo *A identidade como “problema” de pesquisa*, Aluísio Ferreira de Lima, professor da Universidade Federal do Ceará, apresenta uma discussão sobre a pesquisa da identidade sob o olhar da psicologia social. Ele mostra historicamente como foram desenvolvidas pesquisas psicológicas em torno desta questão para sublinhar a importância da Psicologia Social Crítica nesta empreitada.

Em *Parresía Clínica e Política: Heroísmo filosófico e psicologia social*, Heliana de Barros Conde Rodrigues, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Cristine Monteiro Mattar, da Universidade Federal Fluminense, analisam o conceito de parresía à luz dos estudos foucaultianos com o intuito de indicar seus efeitos nas práticas psicológicas na atualidade.

A outra metade de artigos deste dossiê poderia ser dividida em dois grupos teóricos: o primeiro segue a linhagem psicanalítica em sua forma de se deparar com o social e o segundo apresenta análises pertinentes relacionadas à psicologia do trabalho.

Três artigos com base psicanalítica contemplam nosso dossiê comemorativo. O primeiro artigo intitulado *A psicanálise na pesquisa em psicologia social* foi escrito por Daniel Menezes Coelho da Universidade Federal de Sergipe. Nele, o autor traça, partindo da sua experiência como pesquisador em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, uma importante reflexão sobre como a psicanálise pode se apropriar da questão social.

No texto *A Experiência Psicanalítica na Investigação Social: Considerações sobre método*, Klecia Renata de Oliveira Batista e o professor Eduardo Leal Cunha da Universidade Federal de Sergipe refletem sobre o método psicanalítico e sua possibilidade de uso no questionamento da cultura e da sociedade. Para isso, analisam as possíveis interfaces entre a psicanálise e o social, mediadas pela questão ética.

Em *O Contexto Hospitalar e a Escuta Psicanalítica*, o professor Tiago Ravanello da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e, sua orientanda, Flávia Milanez de Farias partem do manancial teórico da psicanálise para focarem no contexto hospitalar, se atendo as vicissitudes do manejo psicanalítico em tal situação.

Fechando o Dossiê estão os dois artigos que se debruçam sobre questões relativas ao trabalho.

Em *Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais*, Luís Henrique da Costa Leão traça um panorama histórico-conceitual das relações entre psicologia e trabalho, debruçando-se sobre as principais abordagens em psicologia do trabalho.

No último artigo do dossiê, intitulado *A Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras*, do professor Marcos Bueno da Universidade Federal de Goiás e da professora Kátia Barbosa Macêdo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, os autores apresentam os pressupostos teórico-metodológicos da clínica psicodinâmica do trabalho e suas principais categorias analisadas. Neste texto, mostram também como se desenvolvem no país pesquisas ligadas a essa teoria.

Depois do Dossiê, seguem mais três sessões: Temáticas Diversas, Relatos de Pesquisa e Resenhas.

Os artigos da sessão *Temáticas Diversas* são cinco. Eles têm certa heterogeneidade, proveniente do próprio fluxo contínuo de nossa revista.

No artigo *Paradoxo do motorista de ônibus como passageiro: subjetividade, atividade, videografia*, Jésio Zamboni e a professora Maria Elizabeth Barros de Barros da Universidade Federal do Espírito Santo utilizam recursos videográficos para analisarem as vicissitudes do trabalho de motoristas de transporte coletivo. Por um viés transdisciplinar, os autores se apropriam da análise videográfica para refletirem sobre as questões relativas à subjetividade, à atividade e aos modos de fazer pesquisa.

Em *Gênese e desenvolvimento da análise existencial*, o psicoterapeuta existencial Jadir Lessa levanta uma discussão pertinente sobre o surgimento e o desenvolvimento da análise existencial. O autor inicia sua análise se debruçando sobre as obras de Binswanger, de Boss e de Minkowski, para mostrar que a análise existencial começa com a percepção da insuficiência da psicanálise para o tratamento de certas questões encontradas por esses autores em seus trabalhos terapêuticos. Depois, Lessa demonstra que a análise existencial não se confunde com a psicologia existencial humanista.

No texto *Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade*, Érico Douglas Vieira e Márcia Stengel, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, apresentam uma análise sobre o individualismo na contemporaneidade. Eles partem da conformidade entre o individualismo e a modernidade, para mostrar, através de estudos sobre a pós-modernidade, que o individualismo permanece como ideologia ligada diretamente à valorização da liberdade individual e da obtenção de sensações prazerosas. A reflexão, desenvolvida neste artigo, problematiza essas questões pertinentes para a compreensão da atualidade.

Arelado à problematização da contemporaneidade, está o artigo *A que devemos estar atentos? Elogio à distração* de Pedro Sobrino Laureano. Nele, o autor reflete sobre o crescente uso da Ritalina e do crescimento do diagnóstico de TDAH na atualidade. A partir das obras de Foucault, de Deleuze e de Bergson, o autor evidencia a importância em se pensar as questões que giram em torno da distração e da hiperatividade para compreendermos os fenômenos supracitados.

O último artigo da sessão *Temáticas Diversas* é o texto do Professor Juan Carlos Gorlier da Universidad de Buenos Aires, intitulado *Recuerdos de Infancia: Notas Transversales*. Nele, o autor apresenta um diálogo proffcuo entre a literatura, a filosofia e a psicologia para refletir sobre as questões concernentes ao tempo, à infância e à memória.

Seguindo a apresentação do número, nos deparamos com a sessão de Relatos de Pesquisa em que consta apenas o texto *Vidas reduzidas à doença mental e a transversalização da clínica* de Regina Longaray Jaeger e de Tania Mara Galli Fonseca, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste texto, as autoras refletem a partir de duas experiências relacionadas à saúde mental coletiva, em instituições de Porto Alegre, um ambulatório de um Hospital Psiquiátrico e um CAPS. Essas experiências são o estopim de uma análise que recai sobre as questões relativas à longa permanência de alguns usuários em instituições. Este relato visa a pensar criticamente sobre as vicissitudes do trabalho institucional, mediante uma reflexão sobre a possibilidade de novos arranjos para suscitar novas saídas dos assujeitamentos gerados pela dinâmica institucional.

Terminando este número, está a sessão de resenha que conta também com apenas um texto: a resenha *Como inventamos a nós mesmos?* de Marcelo Santana Ferreira, professor da Universidade Federal Fluminense. Este texto tem como objetivo expor os argumentos desenvolvidos no livro

de Nikolas Rose, recentemente publicado em nosso país, intitulado *Inventando nossos selfs*.

Assim, termino a apresentação do presente número. Agora só me resta convidá-los a tomar a tessitura dos artigos aqui expostos para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida

Referências bibliográficas

KRAUS, K. **Ditos e desditos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.